

BARBOSA LIMA

SOBRINHO

Xavier Marques, na precisão de seu estilo conciso, considerou o tempo “o liquidatário de tantas esperanças e tantos compromissos”. Quase sempre, de fato, o correr dos anos exerce essa tirania sobre as individualidades. O passar dos dias amortece anseios, anula energias, esmaga o poder de pensar e resistir. O ser humano, comumente, sofre o efeito dessa força, que destrói elementos vitais, espancando movimentos, convivência e sonhos. Na marcha para o crepúsculo da tarde, de ordinário esvaece-se a luz que conduz o homem ao trabalho, à luta das idéias, à disposição de ser militante e solidário. Como que densa nuvem o envolve para reduzi-lo ao recolhimento da imobilidade, da distância e do silêncio.

Mas, por ser inevitável, o curso do tempo não incide uniformemente sobre os indivíduos. Além da variabilidade de circunstâncias nas diferentes épocas e das feições particulares de cada povo, os indivíduos reagem diversamente aos fatores que se destinam a modelar-lhes a existência. Desse confronto entre dados gerais externos e condições pessoais resultam situações singulares para o homem, também organicamente diferenciado. Daí o perfil distinto dos seres, no desdobramento de uma só e mesma era. Por isso, igualmente, por essas características várias, a idade temporal nem sempre coincide com a idade do espírito. Vezes sem conta, corpo e espírito contrastam com o volume dos anos: a massa física expõe cansaço e a alma cintila, radiante de energia intelectual.

Barbosa Lima Sobrinho — Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho —, aos cem anos agora completados, é um jovem de espírito, um contemporâneo das idéias e dos conflitos de seu século. Se já não se movimenta como outrora, disposição não lhe falta para estar presente aos atos a que o convoca a consciência, vibrátil e solidária. É de vê-lo, na Associação Brasileira de Imprensa, na Ordem dos Advogados, nas praças públicas, onde o chame o gosto do debate livre, protestando contra o arbítrio, ressaltando os interesses nacionais, defendendo os direitos humanos e a soberania da Constituição. Não há espaço de controvérsia séria, impulsionada pelo interesse geral, a que recuse a participação de sua lucidez.

É um espírito mais indagativo e analítico do que retórico: dá relevo à substância, e não ao ornamento, contém o sentimento para prevalecer a razão. Mesmo quando tocado pela sensibilidade, não perde o equilíbrio do julgamento. Reveste o juízo emitido na contenção de palavras e na apuração do exato, que engrandecem o elogio pela sobriedade. Assim na conferência que proferiu na Universidade de Brasília, em 1981, sobre João Mangabeira, de quem foi amigo e com quem muito dialogou no desmontar das manhas. O estudo é minu-



cioso e crítico, retratando idéias e ações à luz dos fatos, sem esconder o reconhecimento correto. Remata, reflexivo, asseverando que João Mangabeira “era a voz de um futuro distante, anunciando as glórias e a felicidade do porvir”.

Ao ser reeleito para a presidência da Associação Brasileira de Imprensa, e homenageado na Academia Brasileira de Letras, a que pertence, confessou: ... “queria agradecer a todos e dizer-lhes que a minha primeira vocação é ser professor de Direito”. E acrescentou que, muitas vezes, na tarefa de jornalista, se sente “mais professor”. Se não cumpriu preponderantemente essa missão, do espírito dela ficou impregnada sua inteligência. As obras que já produziu, inúmeras

e valiosas, no campo jurídico, no literário, no da história, revelam o pesquisador criterioso e claro intérprete do que descobriu e ordenou. Nelas não há informações imprecisas, nem cintilações exageradas. Tudo tem o apuro da inteligência disciplinada pelo zelo da investigação e da medida, como, apenas para exemplificar, em “A Presença de Alberto Torres” e em “A nacionalidade da pessoa jurídica”. Ali, o biógrafo traça o perfil da personalidade estudada, situando-a, sem paixão e com justiça, no meio cultural, político e econômico de sua época, sobretudo no colorido do Estado do Rio. Aqui, o jurista, partindo do exame de projetos de lei sobre o problema, escreve monografia de quase trezentas páginas. Numa e

noutra contribuição, o mesmo senso de pesquisador, iluminado pelo espírito de defesa da inteligência e dos interesses nacionais, como nos artigos, que ainda hoje escreve, semanalmente.

A cultura sempre renovada fortalece-lhe o pensamento, como no situar a posição do Estado em face da economia. O neoliberalismo e a globalização não lhe inebriaram as idéias. Os artigos de 18 de fevereiro e 7 de abril de 1996, publicados pelo *Jornal do Brasil*, assim o demonstram. No primeiro, salienta que “se enfeita o liberalismo com um ‘neo’, que não passa de uma máscara para encobrir um rosto enrugado e envelhecido”. No segundo, ressalta que “a globalização começa por excluir o sentimento e as condições de independência das nações livres. Não é mais que uma nova fórmula de máscara para o liberalismo econômico”, do século XVIII. Defensor da liberdade, não a entende, senão no quadro da igualdade.

Dobradamente singular é que, na idade do repouso e do recolhimento, a firmeza de suas idéias casa com o ânimo invencível de defendê-las. Na personalidade de Barbosa Lima Sobrinho não há hiato entre o pensamento e a ação. Agora mesmo, em entrevista ao jornal *O Globo*, na edição de 5 deste mês de janeiro, proclamou: “Enquanto tiver vida, possibilidade de agir, defenderei meus ideais”.

Pode dizer-se que se é certo, consoante observa Alain Touraine, que “os homens fazem sua história, porém a constroem através de conflitos sociais e de diretrizes culturais, simultaneamente”, o eminente pernambucano teceu, no calor das lutas e na fidelidade às idéias, sua biografia marcante. Não praticou a deserção, nem a sugeriu a ninguém. Ao saudar José Honório Rodrigues na Academia Brasileira de Letras, aconselhou-o a “não... abandonar posições definidas. Basta não criar obstáculos a uma convivência, que vai durar toda a vida...”

Nessa peregrinação de energia, solidariedade, pertinácia e equilíbrio, alcança, na pobreza feliz, cem anos de vida, em companhia da esposa dedicada — Maria José —, entre livros e sobre eles debruçado, para melhor servir à cultura, à democracia e à independência política e econômica do país.

Assim atravessando a fronteira do tempo, como que Barbosa Lima Sobrinho dialoga com o outro lado, no estilo de Machado de Assis, nos versos a Camões:

“Tu quem és? Sou o século que passa.”

E o varão ilustre e centenário passa, lúcido e combativo, com o aplauso geral, para o encontro com o futuro.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia